

ANIMAR A EUROPA

Pedro Vaz Patto

O projeto da unidade europeia atravessa um período de crise, talvez o mais grave da sua história. Para isso contribuem a saída do Reino Unido da União Europeia (o chamado *brexit*), o avanço, em vários países europeus, de partidos contrários a esse projeto e a eleição de Donald Trump, que também tem revelado hostilidade para com esse projeto.

Este facto lembra-nos que os processos históricos não são automáticos e irreversíveis e não dispensam o empenho e os esforços pessoais e comunitários.

Esta crise suscitou, por isso, a ação concertada das comissões justiça e paz europeias deste ano, que se baseia num texto (*A Europa na encruzilhada*, acessível em www.ecclesia.pt/cnjp) onde são apresentadas várias propostas concretas no sentido de dar novo alento à União Europeia.

Sobretudo, esta crise pode servir de ocasião para repensar (e refundar) o projeto de unidade europeia, através de uma reflexão sobre as razões por que esse projeto não atrai hoje as pessoas e os povos como atraía, quando o Reino Unido aderiu à União Europeia, quando Portugal também a ela aderiu, ou quando a ela aderiram os países da Europa central e oriental (depois da queda do comunismo). Ou quando os países da antiga Jugoslávia nela viram um antídoto contra a guerra que os vitimou (na verdade, muitas vezes esquecemo-nos que este projeto tem contribuído para um longo período de paz na Europa, que gerações precedentes nunca conheceram).

Mais uma vez se comprova que o projeto de unidade europeia não pode basear-se apenas numa confluência de interesses económicos, ou nas regras de uma moeda comum. Há que dar uma "alma" à Europa, como disse várias vezes Jacques Delors, secundado por muitos outros.

Refundar e animar a União Europeia implica criar, nos povos europeus, um sentimento de pertença e uma coesão social que, sem substituir o sentimento e a coesão próprios da comunidade nacional, deles se aproxime. Só esse sentimento e essa coesão permitirão que surja a consciência de um *bem comum* europeu e que cada cidadão europeu (do Norte ou do Sul, do Leste ou do Oeste) sinta como suas as aspirações e as dificuldades dos outros cidadãos europeus. Esse *bem comum*

europeu permite alargar o horizonte dos interesses nacionais, encarados numa perspetiva estreita do curto prazo.

Esse sentimento de pertença e essa coesão só poderão surgir a partir do reconhecimento de um património histórico e cultural comum, que está na raiz de valores partilhados. E esse património não pode desligar-se das raízes cristãs da cultura europeia, que estão na base de valores (partilhados por cristãos e não cristãos) como os da dignidade da pessoa humana, da família, da solidariedade ou do acolhimento humanitário dos estrangeiros.

Nesta linha, afirmou, com vigor e beleza, o Papa Francisco quando recebeu o prémio Carlos Magno:

«(...) Com a mente e o coração, com esperança e sem vãs nostalgias, como um filho que reencontra na mãe Europa as suas raízes de vida e de fé, sonho um *novo humanismo europeu*, "um caminho constante de humanização", ao qual servem "memória, coragem e utopia sadia e humana". Sonho uma Europa jovem, capaz de ainda ser mãe: uma mãe que tenha vida, porque respeita a vida e dá esperanças de vida. Sonho uma Europa que cuida da criança, que socorre como um irmão o pobre e quem chega à procura de acolhimento, porque já não tem nada e pede abrigo. Sonho uma Europa que escuta e valoriza as pessoas doentes e idosas, para que não sejam reduzidas a objetos de descarte, porque improdutivas. Sonho uma Europa, onde ser migrante não seja delito, mas apelo a um maior compromisso com a dignidade de todos os seres humanos. Sonho uma Europa onde os jovens respirem o ar puro da honestidade, amem a beleza da cultura e duma vida simples, não poluída pelas solicitações sem fim do consumismo; onde casar e ter filhos sejam uma responsabilidade e uma alegria grande, não um problema criado pela falta de trabalho suficientemente estável. Sonho uma Europa das famílias, com políticas realmente eficazes, centradas mais nos rostos do que nos números, mais no nascimento dos filhos do que no aumento dos bens. Sonho uma Europa que promova e tutele os direitos de cada um, sem esquecer os deveres para com todos. Sonho uma Europa da qual não se possa dizer que o seu compromisso em prol dos direitos humanos constituiu a sua última utopia». ●